
Artigo Original

A Construção de Materiais e a Utilização de Espaços Alternativos para o Ensino do Atletismo

The Construction of Materials and the use of Alternative Spaces for the Teaching of Athletics

 <http://dx.doi.org/10.18316/2317-8582.16.32>

Jacob Alfredo Iora^{1*}, Mariuccia Cavallari Fiorenza¹, Kairam Ramos Rios¹, Rodolfo Silva da Rosa²

Resumo: O presente estudo expressa possibilidades pedagógicas envolvendo a construção e a utilização de materiais alternativos em aulas de atletismo escolar. Entende-se por material alternativo qualquer recurso didático que pode ser construído e/ou utilizado no espaço da aula. Trata-se de uma pesquisa do tipo descritiva com base fenomenológica sobre a construção e a utilização de materiais empregados na Educação Física envolvendo o conteúdo do atletismo. O estudo permitiu desenvolver possibilidades didático-pedagógicas, contribuindo para a formação e atuação dos professores de Educação Física, com o intuito de desmistificar as limitações impostas para atletismo no âmbito escolar, nas questões de falta de materiais e infraestrutura considerada adequada.

Palavras-chave: Educação Física; Atletismo; Possibilidades Pedagógicas; Materiais Alternativos.

Abstract: The present study expresses pedagogical possibilities involving construction and utilization of alternative materials in athletics classes at school. It is understood by alternative material any teaching tool that can be built and / or used within the class. It is a descriptive research with a phenomenological basis about the construction and utilization of materials used in Physical Education involving Athletics's content. The study allowed to develop pedagogical educational opportunities, contributing for the physical education teachers formation and acting of in order to demystify the limitations imposed on athletics in schools, in the of lack of material's issue and deemed appropriate infrastructure.

Keywords: Physical Education; Athletics; Pedagogical Opportunities; Alternative Materials.

INTRODUÇÃO

Para o atual momento que se apresenta, há incidência do pouco enfoque didático e pedagógico do atletismo na Educação Física Escolar; os esportes coletivos são hegemônicos no espaço escolar. Embora todos os fundamentos (o correr, saltar, lançar e arremessar) do conteúdo de *atletismo* sirvam para base do ensino do futebol, vôlei, handebol etc., está sendo parte minimamente integrante do desenvolvimento do ser humano.

Em alguns lugares, o atletismo não participa do currículo da Educação Física (EF), pois os professores entendem que há uma necessidade de locais predefinidos. Essa visão precisa ser quebrada, necessita-

¹ Universidade Federal de Santa Maria.

² Universidade Federal de Santa Catarina.

*Endereço de correspondente:

E-mail: jacobiora07@gmail.com

Submetido em: 17/05/2015

Aceito em: 13/07/2016

se de uma transformação no ensino do esporte e, para que isso aconteça, além da transformação na estrutura de ensino que hoje se apresenta, os professores devem ter à sua disposição materiais didáticos para alcançar os objetivos pretendidos com o conteúdo de atletismo¹.

Entendemos que alguns fatores contribuem para que o atletismo não seja trabalhado durante as aulas de EF: a falta de experiência ou conhecimento docente do conteúdo e o fato de ser um desporto caracterizado como individual que não tem a atratividade da bola. Isso se agrava com a problemática da falta de materiais e espaços físicos mínimos para sua prática².

Dessa forma, o ensino do atletismo pode ser realizado a partir da construção e da utilização de materiais alternativos, em que os próprios alunos participam da construção para, posteriormente, serem utilizados como instrumento de seu próprio aprendizado. Entendemos que é necessário disseminar nessas atividades certos valores, como desenvolver a consciência de construção coletiva dos instrumentos de que necessitamos e preservar o material institucionalizado que possa vir a ser adquirido.

A partir dessas questões, trazemos a possibilidade da produção de materiais alternativos para o ensino do atletismo, possibilitando que esse conteúdo não seja negado aos alunos, assegurando, outrossim, ao professor um acesso mais fácil aos materiais que, em termos oficiais, são de custo elevado para serem pleiteados pelas instituições de ensino.

Portanto, este trabalho tem por objetivo mostrar opções para se trabalhar o atletismo, a partir da possibilidade da construção de materiais e da utilização de espaços alternativos³ para o atletismo escolar, exemplificando possibilidades pedagógicas e assegurando o ensino do conteúdo, caso não haja acesso aos implementos oficiais. Entendemos que essas construções são necessárias, pois

configuram materiais didáticos para professores de EF, mas não devem servir de regra para a substituição e o não acesso aos implementos do atletismo institucionalizados, ditos "oficiais".

MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo se caracteriza por ser uma pesquisa do tipo empírico-descritiva. Na análise descritiva, descrevemos as características dos fenômenos estabelecendo as relações de causa e efeito, correlacionando e explicando o tema estudado⁴. É uma aproximação com o objeto da pesquisa em seu processo de criação, não se limita à enumeração das partes do objeto, mas à elaboração de conceitos acerca do objeto estudado, no caso, o atletismo escolar.

O método fenomenológico é uma filosofia que se situa antes da reflexão, como uma presença inalienável e cujo esforço está em reencontrar este contato ingênuo com o mundo para lhe dar, enfim, um status filosófico⁵. Entendemos que o efeito dessa ação está descrito no objetivo descritivo que oportuniza e preconiza o retorno a novos fatos sociais.

O método fenomenológico busca desvendar o fenômeno além da aparência, exatamente porque a essência não está evidente de imediato. Nesse sentido, a pesquisa, nessa concepção, parte da compreensão de nosso viver, e não de definições e conceitos, a qual orienta aquilo que vai se investigar⁶. Portanto, ao percebermos novas características do fenômeno, surge para nós uma interpretação inédita que levará a outra compreensão, desvelando diversas formas de ações perante a prática concreta.

A nossa produção objetiva caminhar no sentido de disseminar materiais alternativos para trabalhar os conteúdos do atletismo na escola, compreendendo-os como possíveis auxiliares para a didática do professor de EF. Seu subsídio será a

exemplificação da possibilidade de construção, como também dos exercícios relacionados à ação pedagógica de ensino-aprendizagem, que disponibilizamos para estar a serviço dos professores das redes escolares.

Esta produção reflete uma construção coletiva realizada em aulas da disciplina de Atletismo no currículo da graduação do curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria. As percepções apresentadas a seguir foram desenvolvidas em projetos de pesquisa e extensão realizados em escolas públicas de zona rural no município de Santa Maria, RS. Devido ao fato de as escolas possuírem características rurais, existiu uma aproximação com a realidade social conhecida dos alunos, ou seja, correr, saltar e lançar fora do padrão institucionalizado.

DESENVOLVIMENTO

Considerações acerca do atletismo na escola

Um novo conceito de atletismo pode ser formulado para trabalhar o desenvolvimento das necessidades infantis⁷. A proposta, nessa linha, deve levar em conta requisitos como oferecer às crianças um atletismo atraente, acessível e instrutivo, ou seja, que as crianças não somente reproduzam o atletismo de forma técnica, por meio de uma assimilação horizontalizada e eficiente, mas também que adotem esse esporte como sua prática cotidiana ao longo da vida.

O atletismo é uma modalidade acessível à iniciação esportiva⁸. A partir de um enfoque crítico e dialógico, ele contribui para que o aluno construa sua própria cultura esportiva. É importante esse conteúdo dentro do currículo da EF, pois há um desenvolvimento de gestos motores básicos para as crianças, gestos que estão presentes em todas as modalidades esportivas, contribuindo para que a criança se inicie, também, em outras modalidades. Se a EF for atrativa, se fizer com que os alunos sintam

satisfação em sua prática e se o professor se preocupar com as vontades e as necessidades dos alunos, melhorando e aplicando atividades de forma mais coerente, possibilitará aos alunos escolherem sua atividade preferida.

Durante a formação inicial em EF, passamos por diversas disciplinas em que os professores têm à sua disposição uma diversidade de materiais e, nas escolas, a realidade nem sempre é a mesma. Para tanto, entendemos que podemos garantir o ensino dos conteúdos, a partir de um mínimo de materiais que se aproximem dos institucionalizados e de uma infraestrutura “alternativa”, segundo Kunz⁹:

[...] tanto nos cursos de graduação, como em diferentes programas de “formação continuada de professores”, ou ainda, em múltiplas formas de minicursos, seminários em escolas, em congressos, em encontros etc., deveria discutir-se constantemente temáticas que envolvessem questões como as possibilidades interventoras na realidade educacional a partir de mudanças na concepção de ensino, de conteúdo, de metodologias. [...].

A partir do exposto, observamos que devemos trabalhar essas questões dentro da escola, trazendo uma prática escolar que envolva uma maior interação entre professores e alunos, para que, juntos, possam realizar a criação dos materiais para, posteriormente, servir de objeto para o próprio aprendizado. Os professores devem ter a consciência de tentar trabalhar com a criatividade dos alunos, explorando todas as suas possibilidades.

As experiências da formação inicial em projetos de pesquisa e extensão deixam claro que há possibilidades de se usar uma metodologia aberta nas aulas, Hildebrandt¹ refere “[às] concepções de aulas orientadas: no aluno; no processo; na problematização; e

na comunicação”. Os alunos participam de todos os processos pedagógicos, incluindo a formulação do conteúdo, a construção das atividades, mas, sobretudo, da reflexão do conteúdo vivenciado. Com isso, torna-se visível a satisfação de serem sujeitos autônomos, a partir da possibilidade de contribuir para a construção do próprio conhecimento.

Antes de entrarmos na discussão dos resultados e apresentarmos materiais didáticos para o ensino do atletismo na escola, gostaríamos de enfatizar que Kunz e Souza¹⁰ apresentam algumas possibilidades de materiais construídos para a prática do atletismo, tais como fitas para a corrida de velocidade, o minitrampolim para o salto em distância e as “tiras de borrachas”, para a corrida com resistência.

Utilizando a comunicação como mediadora, acredita-se que, se pautássemos as intervenções a partir da matriz teórica da Didática Comunicativa, possibilitaríamos a formação dos alunos para além de suas capacidades esportivas, também se apropriariam desse instrumento para desenvolverem suas capacidades de conhecer, reconhecer e problematizar os sentidos e significados da vida, para todo o seu relacionamento com os mundos social, cultural e político¹¹.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Construindo Materiais didáticos para o atletismo escolar

AS CORRIDAS:

SAÍDAS DE BLOCO

- Utilizando o apoio do colega;

Forma de Construção: um aluno, sentado ao chão, com o membro inferior traseiro estendido e o outro semiflexionado em 70° - 90°, auxilia o colega que deverá se posicionar como no momento da saída de

bloco, colocando seus pés junto aos do aluno que está sentado.

O professor também poderá trabalhar utilizando uma parede ou uma árvore, em que o aluno apoia o pé de impulsão (o último que sai do bloco) nessas condições. Perna de impulsão semiflexionada, posicionada contra o apoio utilizado.

Necessidade didática: são possibilidades utilizadas por atletas em campeonatos estaduais para o aquecimento, para que não fiquem carregando blocos de partida de um lado para outro. Na falta de blocos de partidas, as soluções podem ser “copiadas” refletidamente para o ensino do atletismo na escola.

Possibilidades Pedagógicas: o posicionamento de saída baixa com o bloco deve ser utilizado para que os alunos tenham uma base mais sólida, que lhes permita fazer força no arranque. Para que o bloco tenha uma função efetiva, o aluno deve se posicionar no bloco de modo que sua perna de impulsão fique à frente, sendo a última a deixar o bloco. Algumas atividades podem ser feitas para se descobrir qual é a perna de impulsão dos alunos. **Exemplo:** em duplas, os alunos se posicionam em algum local da prática, ambos virados para o mesmo lado, um atrás do outro. O aluno da frente fecha os olhos e o aluno que está atrás deverá dar um leve empurrão no colega que, como reflexo, dará um passo à frente. O pé que ficar no solo é o pé de impulsão (o último a deixar o bloco).

Não se pode esquecer o exercício *progressivo*, problema de aumentar a velocidade a partir de passadas curtas, em que se vai aumentando a frequência e a amplitude e, conseqüentemente, ganhando velocidade, trabalhando, assim, a técnica correta e conscientemente. Sobre a “técnica” correta, ângulo de braço e antebraço a 90° graus, movimentos somente no plano sagital, elevação do joelho quando o membro inferior for à frente, quase em paralelo ao solo, e recuperação com o calcanhar tangenciando o glúteo.

Outra possibilidade é o cálculo do MRU, para as ações do ensino médio, relação utilizada na transformação didática do esporte, por meio do cálculo $\Delta s/\Delta t$. Por exemplo, para o trabalho de corrida do primeiro aluno, este consegue realizar 10 metros em 1,25 s, obtendo a velocidade média de 8m/s. Para outro aluno que possui capacidades físicas e habilidades motoras inferiores, obteve-se a marca de 7m/s para os 10 metros. Isso significa que, para os dois estarem em “igualdade de chances”, o aluno que possui velocidade média menor sairá 1m à frente a cada 10 metros a ser corrido.

REVEZAMENTO

- Canos de PVC com o diâmetro de 25mm .

Forma de Construção: cortar os canos de PVC no tamanho de 30cm; podem ser pintados até a metade para que a criança visualize onde fica melhor o recebimento do implemento.

Necessidade didática: entendemos que, nesse caso, não há necessidade de se adquirir o bastão oficial, pois os bastões construídos artesanalmente se aproximam das medidas-padrão.

Possibilidades pedagógicas: iniciamos a modalidade propondo aos alunos a realização de atividade com estafetas, formando pequenos grupos, posicionando-se um de frente para o outro. Um aluno de um grupo sai, corre até o outro grupo, que estará a alguns metros de distância, bate na palma da mão do colega, que deverá fazer a mesma coisa e, assim, adicionando regras, técnicas e progressões. **Outro exemplo:** dispor os alunos em volta da escola, quadra ou campo; cada aluno, então, deverá percorrer um trajeto determinado e entregar o “bastão” para o próximo colega, até chegar ao último, e este correr até a linha final.

CORRIDA COM BARREIRAS

- Cones;

- Ripas.

Forma de Construção: utilizando 2 (dois) cones, um do lado do outro e com um espaço entre eles, coloca-se uma ripa sobre as duas pontas dos cones. Caso não haja cones, podem ser utilizados tijolos ou garrafas pet.



Ilustração 1

Necessidade didática: no caso das corridas com barreiras, apresentamos essa forma de trabalho, pois, para essa prova, a altura das barreiras em nível oficial é, no mínimo, de 60cm. A partir de experiências práticas, observamos que essas barreiras são de tamanho grande para a iniciação da modalidade. Essa adaptação é, além de uma possibilidade alternativa, uma necessidade didática, devido às limitações físicas e técnicas, muitas vezes apresentada pelos alunos iniciantes.

Possibilidades pedagógicas: podemos iniciar o ensino da corrida com barreiras de forma bem simplificada, aproximando-a da realidade dos alunos. Perguntamos aos alunos sobre o que fazem quando estão indo para a escola e, de repente, encontram um obstáculo no caminho, que deve ser transposto. A partir da realidade cotidiana, desenvolve-se o conteúdo *barreiras* com suas características pedagógicas: ritmo de corrida, perna de ataque, perna de impulsão etc. **Exemplo:** colocam-se os cones deitados com a ripa em cima, com distâncias menores do que as distâncias oficiais. Os alunos devem tentar transpor as barreiras utilizando as pernas/os pés de ataque e impulsão.

OS LANÇAMENTOS/ARREMESSOS:**DISCO**

- Papelão;
- Jornal;
- Fita adesiva;
- Tesoura;
- Pires;
- Lápis ou caneta.

Forma de Construção: corte 2 (dois) pedaços de papelão e, com um pires e um lápis, faça o contorno do pires no papelão, duas vezes. Recorte os dois discos e então pegue folhas de jornal e amasse-as. Coloque no meio dos discos esse jornal; una as laterais dos discos e passe a fita adesiva, unindo as duas partes do disco.

Necessidade didática: no caso do lançamento de disco, este material, para ser adquirido em termos oficiais, possui um custo, muitas vezes, elevado para a rede escolar. Para tanto, uma construção didática possibilita aos educandos o conhecimento das suas características técnicas.

Possibilidade pedagógica: para que o aluno inicie o manuseio do disco, desenvolvem-se atividades de lançamento com um só membro e com saída pelo indicador, que podem ser realizadas para contemplar a sua técnica. **Exemplo:** os alunos, em dupla, posicionam-se um de frente para o outro com distância de 2-3m entre eles. Devem, então, rolar o disco no chão, tentando deixá-lo sair pelo indicador. Pode-se também colocar um alvo para que o aluno tente atingi-lo, aperfeiçoando seu lançamento. É como colocar um bambolê pendurado em uma trave ou árvore, então os alunos devem tentar lançar o disco fazendo com que este saia pelo indicador e que passe por dentro do bambolê.

PESO

- Saco feito de pano (sem a possibilidade de vazamento);

- Areia;
- Linha e agulha.

Forma de Construção: poderá ser confeccionado um saco de pano de algum material resistente ao vazamento de areia, como o jeans. Os próprios alunos, com a ajuda da professora, podem costurar um saquinho, não necessitando ser esférico, e enchê-lo de areia; a professora pode fazer a costura final, para que fique bem fechado.

Necessidade didática: com a construção desse material, fica mais fácil para os alunos o manuseio desse implemento, além de sair mais barato e ficar mais leve, necessidade para a iniciação à modalidade.

Possibilidades pedagógicas: podemos deixar os alunos livres para uma experimentação, com bolas de tênis ou de borracha, sem que haja a necessidade de preocupação com a distância atingida. **Exemplo:** os alunos podem desenvolver os arremessos em um campo, para não haver tanto impacto ao material em relação à quadra de esportes, que geralmente é de concreto.

DARDO DIDÁTICO

- Corpo do implemento; (Bambu);
- A ponta pode ser desenvolvida com uma “forma” utilizada para fazer o canudinho (salgado de festa);
- Para o encordoamento, pode ser utilizada linha de barbante;
- Fita adesiva para unir o corpo e a ponta do implemento.

Forma de Construção una a ponta do bambu com a forma de canudinho e passe a fita adesiva entre eles, para segurá-los um ao outro.



Ilustração 2

Necessidade didática: o dardo, além de ser um implemento de custo elevado, ainda é muito pesado e comprido para ser trabalhado com crianças, por isso, a necessidade de construí-lo de forma menor e mais leve.

Possibilidade pedagógica: com o objetivo da construção correta da técnica do lançamento, podemos iniciar a atividade com sacos de areia pequeninos, ou com bolinhas de tênis; quando já se sentirem preparados, podemos utilizar o dardo didático. **Exemplo:** Os alunos devem se posicionar em frente a uma goleira e devem tentar lançar o dardo por cima dela.

Dessa forma, podemos ensinar sobre a técnica do membro superior, a passagem do cotovelo antes do antebraço, quebra de punho, a qual fará o dardo ferir o solo com a parte dianteira, tornando o lançamento válido. Em relação aos membros inferiores, as passadas E---D---E, conjuntamente com a entrada de quadril.

MARTELO

- Bola (cabeça);
- Corda (cabo);
- Haste (de ferro) para empunhadura.

Forma de Construção: passar a corda por dentro da bola, através de um furo, fazendo com que a bola fique em suspensão

e, então, na outra ponta da corda, amarra-se a haste de ferro.

Para as séries iniciais do ensino fundamental, podem ser usadas bolas e sacolas plásticas, sendo uma forma de construção e utilização bem mais fácil para as crianças. Coloca-se a bola dentro de uma sacola plástica e, com uma segunda sacola, amarre-as de forma que a alça fique livre para que o aluno possa segurá-la.



Ilustração 3

Necessidade didática: há a necessidade da construção de um implemento mais leve que o oficial e, também, deve-se levar em consideração o comprimento da corda para que seja de boa altura para os alunos.

Possibilidades pedagógicas: devemos, inicialmente, realizar atividades que envolvam o manuseio do martelo, sem que haja o lançamento, mas com os molinetes e um ou dois giros, e sem preocupação quanto deslocamento dos pés e distância. **Exemplo:** em um campo, os alunos podem iniciar apenas balançando o martelo didático, depois podem começar com os giros do implemento, que são denominados *molinetes*. Progressivamente, em relação à técnica, estanca-se o molinete e podem-se ensinar alguns giros, chegando ao lançamento final, de costas para o campo.

OS SALTOS:

SALTO EM DISTÂNCIA

- Caixa de areia.

Forma de Construção: a caixa de areia para saltos é uma necessidade a ser construída pelas escolas para o desenvolvimento desse exercício. Pode ser simplesmente a colocação de um pouco de areia, ou algo que absorva o impacto em um local para desenvolver o trabalho dos saltos.

Necessidade didática: buscar trabalhar em ambientes macios como campos com grama, para que os alunos não se machuquem durante as atividades.

Possibilidades pedagógicas: proporcionar algumas atividades na caixa de areia, deixando os alunos livres para realizar saltos; logo, podemos desafiá-los a saltar com um ou com os dois pés. **Exemplo:** após introduzir a corrida antes do salto e ensinar como saltar, podemos realizar uma atividade de pega-pega. Escolhe-se um pegador que, para pegar um colega, deve saltar com uma perna só, sendo válido somente dessa forma. Depois de todos terem a experiência, pode-se começar a trabalhar com o salto em si, dentro da caixa de areia.

SALTO EM ALTURA

- Pneus;
- Colchão de casal;
- Corda;
- Estacas.

Forma de Construção: colocam-se os pneus de forma organizada, um do lado do outro e, em cima destes, o colchão. Para representar o sarrafo e os postes, utilizam-se estacas e cordas.



Ilustração 4

Necessidade didática: esses materiais são mais acessíveis e, inclusive, se utilizarmos corda elástica, diminui-se o risco de os alunos derrubarem as estacas.

Possibilidades pedagógicas: trabalhar a corrida de aproximação pela frente e pelos lados, realizando um impulso para trabalhar a queda no colchão. **Exemplo:** para perder o receio da queda, podemos realizar atividades em que os alunos subam em uma cadeira, que estará muito próxima ao colchão, e o aluno deixe seu corpo “cair” para trás, para testar a sensação. Ensinar o salto tesoura (tronco na vertical, passando uma perna de cada vez) e, após essas experiências, introduzir a corrida com o salto tesoura apenas no colchão. Por fim, podemos colocar as estacas com a corda, ou dois alunos podem segurá-la, aumentando a altura progressivamente.

SALTO COM VARA

- Taquaras/varas de bambu;
- Colchão;
- Pneus.

Forma de Construção: utilizam-se os mesmos pneus e colchão do salto em altura, além de taquaras cortadas em uma altura adequada para crianças.

Necessidade didática: as varas para esse salto são caras e, utilizando varas de bambu, podemos cortá-las em tamanhos apropriados para os alunos.

Possibilidades pedagógicas: Hildebrandt sugere colocar dois problemas para os alunos: “Como podemos saltar com vara¹? É possível voar mais alto e mais distante com a ajuda da vara?”. A partir dessas questões, os alunos devem se reunir para apresentar soluções encontradas. **Exemplo:** os alunos podem começar tentando saltar sobre algum canal (vala), caixa de areia ou diretamente no colchão, sem a necessidade de se colocar um limite

de altura. Após a prática, então, podem ser utilizadas as estacas e a corda do salto em altura, ou também dois colegas podem segurar uma taquara como se fosse o sarrafo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo parte do princípio de que não há necessidade de negar o atletismo institucionalizado na escola. Desse modo, a teoria crítica será mais um aporte para este componente curricular da EF, sobretudo pelas necessidades de apresentar o atletismo para os educandos no ensino fundamental, na forma transformada. Enquanto autores, estamos cientes de que as próprias instituições esportivas utilizam materiais com aferições diferenciadas nos processos de ensino-aprendizagem, portanto, na escola, partimos do mesmo princípio.

É pertinente enfatizar que as construções apresentadas na presente elaboração não pretendem eleger como estatuto dos professores de EF que estes sejam construtores do material para o ensino dos conteúdos atléticos. Porém, até o momento em que, com a luta diária dos trabalhadores da educação, não conseguimos nos apropriar de implementos com o charme do esporte institucionalizado, apresentamos alguns elementos para o conhecimento e ensino das provas do atletismo.

Apresentamos, agregadas à exemplificação de materiais alternativos, possibilidades para o ensino da prova em questão. Esperamos, com isso, que o professor relembre formas de ensinar o conteúdo atletismo e que os alunos se sintam parte do seu processo de ensino-aprendizagem, produtores do seu próprio conhecimento e aprendizes do conteúdo de uma maneira refletida.

Reapresentamos uma construção refletida para a desconstrução desse esporte, que se apresenta de forma institucionalizada

dentro das escolas, mostrando que, por meio de materiais alternativos, podemos trabalhar o atletismo como um conteúdo da EF escolar, para que, no decorrer da prática educativa, os participantes tenham vivências lúdicas e prazerosas.

REFERÊNCIAS

1. Hildebrandt-Stramann R. Textos pedagógicos sobre o ensino da educação física. Ijuí: UNIJUÍ; 2001.
2. Oro U. Iniciação ao Atletismo no Brasil: Problemas e Possibilidades Didáticas. In: Kirsch, KOCH, K; ORO, U. *Antologia do Atletismo: metodologia para iniciação em escolas e Clubes*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico; 1984.
3. Marques CLS, Iora JA. Atletismo Escolar: possibilidades e estratégias de objetivo, conteúdo e método em aulas de Educação Física. *Movimento*, 2009; 15 (2): 103-118.
4. Ferrari AT. *Metodologia da pesquisa científica*. São Paulo: McGraw-Hill; 1982.
5. Surdi CA, Kunz EA, Fenomenologia como Fundamentação para o Movimento Humano Significativo. *Movimento*, 2009; 15 (2): 187-210.
6. Masini EFS. Enfoque Fenomenológico de pesquisa em Educação. In: FAZENDA, I. (Org.). 10. Ed. *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez; 2006.
7. IAAF. *Miniatletismo iniciação ao esporte: Guia Prático de Atletismo para Crianças*. São Paulo: Edição Nacional; 2011.
8. Oliveira MCM. *Atletismo escolar: uma proposta de ensino na educação infantil*. Rio de Janeiro: Sprint; 2006.
9. Kunz E. *Transformação Didático-Pedagógica Do Esporte*. 7.ed. Ijuí: UNIJUÍ; 2006.

10. Kunz E, Souza M. Unidade didática 1: Atletismo. In: KUNZ, E. (Org.). 4. Ed. *Didática da educação física 1*. Ijuí: UNIJUÍ; 2006.
11. _____. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Unijuí, 1994.